

TECNOLOGIAS DA VIDA E TEOLOGIA

Pierre Simon de Laplace, astrofísico do final do século XVIII, tinha elaborado uma hipótese cosmogônica sobre a origem do universo, segundo a qual o sistema solar proviria de uma nebulosa primitiva. Um dia mostrou essa teoria a Napoleão, pedindo-lhe sua opinião. Este respondeu: "Interessante, mas onde você coloca a Deus em tudo isso?" "Majestade", retrucou Laplace, "essa é uma hipótese inútil".

A idéia da dispensabilidade de Deus para entender o universo acompanhou o desenvolvimento moderno da astrofísica, dando origem à disputa entre teorias criacionistas e científicas sobre a origem do mundo. Levou a uma dicotomia sempre maior entre ciência e fé, originando escritos que tentavam mostrar que a Bíblia tinha razão. Nessa disputa a ciência saiu vencedora, porque os defensores da fé tentaram discutir no mesmo nível. Não souberam distinguir entre a especificidade soteriológica da fé e a metodologia empírica científica. Tratam-se de dois âmbitos que não podem entrar em choque, porque partem de pontos de vista diversos, embora possam ambas tratar de um mesmo assunto.

Hoje o contexto da ciência é outro. Se antes ela se compreendeu a partir do paradigma da física, hoje a ponta de lança do conhecimento científico é sempre mais a biologia e, mais especificamente, a genética. Hoje as questões candentes para a sociedade não são a origem e a evolução do universo, mas as descobertas e os progressos da biotecnologia. Se, para física e a astronomia, Deus era uma hipótese dispensável, para as atuais revoluções biológicas afirma-se que o cientista brinca de Deus, ao tentar fazer surgir a vida e aperfeiçoar os seres vivos. A engenharia genética é o sétimo dia da criação, conforme título sugestivo de um livro de divulgação de Fátima de Oliveira. O sétimo dia, identificado com o descanso sabático de Deus, foi ocupado pela intervenção e manipulação da biotecnologia. Deus não é mais problema, porque sua onipotência foi transferida para o ser humano.

Assim como a física chegou às últimas partículas do átomo, a biologia tenta desvendar os mistérios recônditos da vida. Se o domínio da força contida no átomo deu origem à energia atômica com seus benefícios e suas catástrofes, como Hiroshima e Nagasaki, o domínio dos processos vitais da célula e dos processos hereditários do gene trará grandes benefícios, mas ainda é um vaso de Pandora do qual não sabemos o que pode sair. Isto explica o crescente surgimento de preocupações éticas com respeito às intervenções nos processos vitais e genéticos dos seres humanos.

O desenvolvimento da física e suas explicações sobre a origem do universo não levantavam questões éticas, porque não tinham incidência no cotidiano das pessoas. Significava, isto sim, um desafio para a teologia na sua compreensão da criação do mundo. Qual é o lugar de Deus nessa explicação do universo? Os progressos da biologia molecular e da genética prometem mudar a maneira de encarar a cura da maioria das doenças e o modo de ter e programar um filho. Essas promessas dizem respeito a desejos humanos profundamente arraigados. Nesse sentido suas pretensões provocam inquietações éticas. Será que tudo o que for tecnicamente possível em relação aos processos biológicos humanos será também eticamente justificável? Não é por nada que surgiu a bioética para fazer frente a essas questões.

Em seus inícios, a bioética surgiu como reação a abusos presentes em certas práticas e técnicas clínicas colocadas à disposição dos profissionais da saúde pelo progresso tecnológico da medicina, e usadas pelos médicos sem critério ou de modo experimental. Essa reação configurou-se na carta de direitos dos enfermos e na necessidade de consentimento informado para qualquer experimentação e terapêutica. Numa segunda fase, a bioética evoluiu para questões éticas mais amplas, implicadas no próprio progresso da biologia molecular e da genética. As perguntas éticas não estão apenas no âmbito do uso clínico das novas tecnologias, mas no próprio desenvolvimento das pesquisas envolvendo a vida. O problema não é somente como usar eticamente as técnicas médicas, respeitando a autonomia e integridade das pessoas, mas quais são os limites da intervenção nos processos vitais e genéticos do ser humano. Passou-se de uma bioética aplicada simplesmente à clínica médica a uma bioética preocupada com o desenvolvimento da ciência biológica.

Hoje pode se falar de uma terceira fase em que a bioética quer contribuir para a construção de um mundo melhor. Assume sempre mais uma perspectiva ecológica e holística no tratamento das questões da vida. Por isso, começa a abrir-se sempre mais para as contribuições das ciências humanas e, especificamente, da teologia.

No momento em que a ciência prospecta sempre mais uma modelagem do ser humano, uma pretensão de construir um ser humano sempre mais perfeito, surge a questão de fundo sobre o que é o ser humano. A que tipo de ser humano se pretende chegar? A partir de qual imagem e semelhança será feita esta modelagem? Não acontecerá uma negação de constantes humanas essenciais ao ser humano como o conhecemos? O modo como se desenvolve a ciência e a técnica não levará a um comprometimento da vida ou até a uma extinção da espécie humana? Para responder a essas questões a bioética precisa dialogar com a antropologia filosófica e teológica.

Hoje cresce sempre mais a convicção de que a fé e as convicções religiosas desempenham papel importante na recuperação da saúde. Elas criam condições internas de confiança e esperança, ajudando na restituição da integridade somática ou possibilitando a integração de alguma deficiência ou fragilidade permanente do corpo. Sendo a cura um evento pessoal e não apenas um fato somático, a interioridade tem um papel fundamental na compreensão da saúde.

Nesse sentido, existem enfermos sadios ou doentios, dependendo da maneira como reagem diante da doença que quebra o ritmo normal da sua vida. Para isso é importante uma concepção integral do processo da cura e da vivência da saúde. Jesus, ao realizar curas milagrosas como sinais do advento de Reino de Deus, não diz ao agraciado: "Vai em paz, tua fé te curou", mas "... tua fé te salvou" (cf. Lc 17, 19). Essa simples alusão mostra uma visão integral da saúde humana, englobando a dimensão somática, psíquica e espiritual. A antropologia filosófica e teológica podem contribuir para que a bioética clínica supere uma visão redutiva da cura e da saúde e possa compreendê-las como um evento que atinge a totalidade da pessoa.

A doença é a própria figura e metáfora da vulnerabilidade humana. A modernidade deu origem a um ser humano autônomo e forte diante dos determinismos e superador dos obstáculos que se lhe antepõem. Essa mentalidade levou a esquecer a fragilidade que acompanha o ser humano, desde o nascimento até o ocaso de sua vida. A vulnerabilidade atinge a vida humana no seu próprio âmago, manifestando seus sinais no corpo, na psique e no espírito. A visão narcisista, motivadora de muitos modos de viver vigentes na atualidade, faz olvidar essa constante humana. Por isso a dificuldade de enfrentar, na vida, situações limites. Quando a vulnerabilidade se manifesta, por exemplo, na doença, na depressão ou numa inesperada deficiência física, para muitos é a experiência do desespero e da total falta de sentido. É nesse momento que a fé tem algo a dizer, porque consegue despertar um aprofundamento do sentido da existência a partir da própria experiência do sofrimento. O cristão contempla o Ressuscitado

no Crucificado, porque na própria morte de cruz já está presente a vitória da vida. Assim, associando seus sofrimentos à cruz de Cristo, consegue tirar energias vitais da sua experiência de dor, porque descobre um novo sentido para a sua existência.

O processo cultural de velamento da vulnerabilidade humana relega aqueles que são a própria expressão da fragilidade humana, os pobres, a não terem lugar nos planos de saúde. É necessário esconder os que continuamente recordam a face do ser humano vulnerável e necessitado de cuidado. Afirma-se que a caridade é economicamente ineficiente e socialmente ineficaz. Para aqueles que podem comprar a cura, as portas estão abertas e as ofertas se multiplicam. Os planos privados de saúde são um dos negócios de maior lucratividade. Para o neoliberalismo, a doença e a saúde tornaram-se produtos comerciais oferecidos ao cliente a preço de mercado. A comercialização do processo de tratamento e cura da doença é uma das maiores patologias da organização nacional da saúde e do próprio exercício da medicina.

Cristãos comprometidos e movidos pela centralidade dos pobres no Reino de Deus e na prática de Jesus são chamados a unir-se a outros segmentos da sociedade para denunciar essa situação, defendendo que a busca da cura da doença não deve depender das leis do mercado e que a única atitude coerente diante de uma das manifestações mais cruciais da fragilidade humana, a doença, é o cuidado incondicional. A expressão vulnerável e solicitante do enfermo engendra um dever de cuidado para a instituição sanitária e o profissional de saúde, independentemente se ele pode ou não pagar, porque a doença põe em perigo a sua vida e ele merece atendimento.

Os aspectos apontados mostram que a bioética clínica recebe uma contribuição valiosa da fé e da reflexão teológica. Existe sempre mais consciência e abertura para essa assessoria principalmente nas comissões de bioética dos hospitais e clínicas. Outro âmbito, bem diferente e muito mais complexo, é o da participação ao nível da bioética aplicada às ciências da saúde e da vida. Na bioética clínica adquirem relevância as convicções religiosas de fé. Na bioética científica importam mais o diálogo interdisciplinar e a argumentação racional. Para isto são necessárias a abertura de horizontes e a competência argumentativa.

A teologia tem muito que aprender e contribuir com este diálogo científico. Este acontece mais no âmbito das academias universitárias e das instituições científicas, principalmente nas comissões nacionais, regionais e institucionais de ética em pesquisa com seres humanos. No Brasil, essas comissões foram criadas pela lei 196, promulgada em 1996, pelo Conselho Nacional de Saúde, criando a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e obrigando à criação de Comissões de

Ética em Pesquisa (COEP) em todas as instituições com investigações científicas envolvendo seres humanos. A lei tornou-se um exemplo em questões de bioética para outros países da América Latina. Contempla explicitamente a presença de teólogos entre outros especialistas de ciências humanas como membros da comissão. Assim se abre um campo profícuo e desafiador de intercâmbio de idéias e de reflexão antropológica para a teologia.

Para participar desse debate o teólogo não pode se apresentar com dogmatismos religiosos. É necessário ter bem presente o princípio da autonomia das realidades terrenas, assumido pelo Concílio Vaticano II, hoje bastante esquecido nos embates que a Igreja enfrenta na sociedade. O clima de "rumor de anjos" e de crescimento do sentimento religioso nas pessoas faz com que muitos homens de Igreja sejam tomados por uma visão miraculosa e intervencionista de Deus nas realidades naturais, não condizente com um Deus que criou o mundo por amor e deu origem a criaturas que desenvolvem a sua própria identidade. Ao criar por amor e em liberdade algo contingente e finito diferente de si mesmo, Deus se autolimitou, porque não fez surgir uma natureza acabada e perfeita, mas aberta ao desdobramento de suas potencialidades, evoluindo por erros e acertos.

Essa autolimitação de Deus por amor e em liberdade chegou à sua máxima expressão na criação do ser humano. Criado à imagem e semelhança divina (cf. Gn 1, 26-27), está chamado a entrar em comunhão de amor com Deus por livre iniciativa e servir de mediador entre Deus e as criaturas com a sua criatividade. Deus ao criar um ser com inteligência e liberdade quis que ele fosse o seu representante na criação. Cabe-lhe exercer essa representação segundo princípios éticos inscritos na própria natureza e na racionalidade humana.

Não existe nenhuma rebelião contra Deus ou invasão de domínios divinos, quando o ser humano intervém em qualquer âmbito da natureza, desde que essa intervenção seja para o bem da vida, não puramente para satisfazer desejos humanos, e respeite parâmetros éticos que preservem o equilíbrio da natureza e a especificidade humana da pessoa. Portanto o cientista não brinca de Deus quando intervém na vida dentro de critérios éticos, pois não está devassando um espaço sagrado, mas ajudando a criação a atingir o seu fim na nova criação em Cristo.

O teólogo que queira participar nos debates de bioética e ecologia deve ter uma boa e atualizada compreensão da criação. Ela fornece os pressupostos para pensar as questões de fundo que aparecem com respeito à vida em seu sentido integral e global. A criação não é uma realidade acabada, mas em evolução. A Providência Divina não existe apenas para conservar o já criado, mas principalmente para levar a

sua realização as potencialidades inscritas na natureza. Estas podem se frustrar ou chegar a bom êxito. Por isso, é necessário falar de uma criação contínua, na qual se insere a contribuição dos seres humanos, em vista da preparação para nova criação. Portanto, essa contribuição tem uma dimensão escatológica, porque a criação geme e sofre esperando a libertação (cf. Rm 8, 19-22), quando Cristo entregará a criação ao Pai e Deus será tudo em todos (cf. 1Cor 15, 28).

O teólogo deverá também ter consciência da autonomia da ciência, respeitar a epistemologia própria de cada ramo do saber e ter uma sensibilidade interdisciplinar. A sua contribuição será muito bem recebida se souber ajudar a equacionar a incidência ética dos problemas da vida e apontar os pressupostos antropológicos de certas decisões e práticas. O debate deve acontecer ao nível da argumentação ética e do embasamento antropológico das questões, envolvendo a vida e a saúde humanas.

Por outro lado, o teólogo bioeticista pode ajudar os homens de Igreja a ter maior sensibilidade para as questões de bioética e de ecologia, a saber intervir publicamente com posicionamentos relevantes e incisivos, sem dogmatismos e imposições, para que a Igreja não seja identificada como aquela que é sempre contra, não admitindo discutir e dialogar, mas como uma instituição que quer ajudar a humanidade a encontrar o melhor caminho de preservar e promover a vida em todas as suas dimensões. O teólogo bioeticista pode também despertar os agentes da Igreja para uma reflexão sobre a incidência pastoral das questões de bioética e de ecologia, e possibilitar uma integração entre a preocupação com a justiça e as perguntas éticas, levantadas pela novas tecnologias aplicadas à vida. A vida é uma categoria mais abrangente que a justiça.

Nesse início de milênio, as maiores preocupações da humanidade dizem respeito às condições e aos fatores que possibilitam a reprodução da vida em toda a sua amplitude. A bioética e a ecologia surgiram como reação a um tipo de cultura que ameaça a vida. O progresso econômico, possibilitado pelas inovações tecnológicas e movido pela ideologia capitalista, exigiu uma sempre maior transformação dos recursos naturais para fazer frente às crescentes necessidades e desejos humanos por maior conforto e prazer. Assim foram sendo quebrados os equilíbrios vitais dos ecossistemas, exigindo levantar a bandeira de alerta para os limites dos recursos naturais e para a necessidade de moderar o progresso, se queremos que a vida permaneça sobre o planeta Terra. Por isso vivemos, hoje, uma crise ecológica de proporções gigantescas, que exige soluções globais e supranacionais. Nessa perspectiva se entendem as fortes reações de governos e entidades não-governamentais diante da negativa do Presidente Bush em assinar o

protocolo sobre mutações climáticas, impondo limites quanto à emissão de gases. No Brasil o projeto de transpor o rio São Francisco provoca mais reações de cunho bairrista do que preocupações com as profundas implicações ecológicas dessa obra, perante o já adiantado processo de assoreamento e morte do rio, verdadeiro símbolo de integração nacional.

A vida não pode estar à mercê de cálculos econômicos. Os planejamentos precisam incluir o fator ecológico e sofrer vistoria sobre o seu impacto ambiental. É urgente introduzir o imposto ambiental. Quem polui, paga pelos danos. A sensibilidade ecológica cresce, mas a ela ainda não correspondem políticas ambientais adequadas, nem atitudes pessoais de maior sobriedade, que diminuam o esbanjamento e a produção de lixo. Por outro lado, o problema ambiental não tem solução sem uma convivência social mais justa e equitativa. A chaga da pobreza é a face humana da chaga ambiental. O grito da natureza ecoa com o grito dos pobres. Não existe ecologia ambiental sem ecologia humana.

No conspecto mundial, o Brasil ocupa um lugar de destaque entre os países em desenvolvimento na pesquisa e uso de biotecnologias. Não possui o montante necessário de capital para investir, nem pode competir com os países ricos, mas conseguiu o seu lugar no cenário mundial da ciência por mérito dos seus cientistas. A pesquisa brasileira de genética aplicada a animais e vegetais tem renome. A participação, mesmo que secundária, no Projeto Genoma é um exemplo dessa conquista.

Essa posição confere ao Brasil uma responsabilidade moral como representante dos países pobres, de defender que a criação de novas biotecnologias não venha a ser um novo modo de exploração dos mais desfavorecidos. O genoma é um patrimônio da humanidade que não pode ser comercializado. Fundada nesse princípio, a UNESCO promulgou em 1997 a "Declaração Universal do Genoma Humano e dos Direitos Humanos". A pilhagem da nossa biodiversidade, perpetrada por multinacionais farmacêuticas, precisa ser denunciada para que não volte em forma de remédios e outros produtos cobrados à base de royalties. Nesse aspecto, a questão ética e jurídica das patentes tem uma grande incidência e relevância política e econômica. Podem-se patentear processos vitais e auferir lucros de algo que não foi produzido, apenas transformado?

A vida pode ser analisada sob o aspecto molecular e genético, conhecimentos de grande importância para a defesa de fatores que a ameaçam e a criação de condições para a sua reprodução. Mas a vida não pode ser reduzida à pura realidade biológica que a ciência domina, porque tem também um significado simbólico para o relaciona-

mento do ser humano com a natureza. A existência dos seres vivos é fruto de milhões de anos de evolução e depende de relações interconexas de uma comunidade biótica da qual também os humanos fazem parte. Assim, a vida depende, por um lado, de uma frágil teia de condicionamentos e, por outro, mostra-se exuberante e variada em suas espécies. Essa consciência leva a afirmar que a existência da vida é um milagre da natureza, suscitando respeito e admiração. Um exemplo dessa atitude foi a do renomado médico, teólogo e missionário luterano na África, Albert Schweitzer, quando cunhou o princípio: "Eu sou vida que quer viver em meio à vida que quer viver". Numa época em que a ciência fornece sempre mais recursos para dominar e manipular os processos vitais, é importante não perder de vista essa admiração e respeito pelo milagre da vida.

Se isto vale para a vida em geral, muito mais para a vida humana. Ela é preciosa diante de Deus, porque reconhece nela a sua imagem; o seu detentor possui uma dignidade que o torna fim em si mesmo. O descaso com a vida humana põe em perigo as outras formas de vida. A teologia cristã possui uma conaturalidade com a vida, porque o seu objeto de estudo é o Deus da vida, revelado em Jesus Cristo. Se a revelação é, essencialmente, mensagem salvífica e a salvação em Cristo diz respeito diretamente à vida dos seres humanos, então a teologia trata primordialmente da vida e tem a vida como uma de suas categorias principais de compreensão. Nesse sentido pode ajudar a bioética a superar uma visão reduitiva e puramente biológica da vida humana, entendendo-a como um evento pessoal em busca de sempre maior integridade e plenitude, segundo as palavras de Cristo: "Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância" (Jo 10,10).